

"O SAMS É SILENCIOSO" | POR ADAM NÜMM

Posted on 13. Oktober 2020

Um comentário de Adam Nümm.

"O Sams é silencioso" diz, puxa a máscara sobre o seu rosto e deita-se na cama. Uma cena significativa na nova produção do clássico da Corona no Teatro Atze de Berlim. Porquê usar uma máscara no palco da história revolucionária arranca-me todos os dentes e no final traz-me lágrimas aos olhos como trabalhador cultural. Uma reflexão.



Começa com um discurso do director de teatro. Ele está visivelmente satisfeito com o número de convidados que vieram. O evento está "esgotado", já que todas as ofertas culturais em Berlim estão neste momento - embora apenas cerca de um terço dos lugares estivessem à venda - por razões de segurança. Acho espantoso um comentário que ele faz: está bastante surpreendido por tantas pessoas "ousarem" ir ao teatro, o que ele não esperava devido à situação de perigo. Agradece também a confiança que as pessoas têm no teatro e que "não se infectam aqui", pelo que provavelmente se refere ao conceito de higiene. Isto pode parecer um pouco grotesco, mas é apenas o prelúdio de uma experiência teatral memorável.

O fio vermelho perde-se rapidamente sob as máscaras

A peça começa com uma peça de música - a banda está a fazer um excelente trabalho. E também os actores actuam, na sua maioria, habilmente e de forma directa - mas mesmo assim a coisa toda não quer realmente ir por diante. O cinzento Sr. Taschenbier, um dos dois protagonistas, canta e dança as suas preocupações - ele tem dificuldade em ser homem, isso é certo.

Sob o queixo usa uma máscara corona - no início penso que esta é uma ideia directora para colocar tudo visualmente num contexto contemporâneo. Mas a peça logo atinge o seu ponto baixo temporário quando o Sr. Taschenbier se encontra com o Sams.

De repente, ambos os actores puxam as suas máscaras para o rosto, o diálogo seguinte parece pálido e como se por detrás de uma parede de vidro, não se pudesse seguir emocionalmente o novo conhecimento das duas personagens, também acusticamente é difícil de seguir, porque mesmo os bons falantes com

máscaras são difíceis de compreender. A peça de teatro entra rapidamente no trivial e de vez em quando também parece um pouco opressiva. Esta opressão aumenta em desagradável, quando noutra cena o Sams - que não é sem razão interpretado por muitos como uma mordaza - puxa a máscara no seu rosto com as palavras "o Sams é silencioso" e vai dormir.



Enquanto

estou a tentar descobrir qual é o conceito por detrás da utilização das máscaras em palco, a peça de teatro está a ser levada a cabo apesar do esforço profissional dos actores. Nem mesmo os grandes estalos entrelaçados do Sr. Taschenbier podem mudar isso. Com a terceira utilização das máscaras, é óbvio que é

uma exigência das autoridades que é aplicada aqui no palco. Porque cada vez que os actores se aproximam um pouco mais no palco, a máscara é rapidamente arrancada do queixo sobre o rosto. Infelizmente, esta realização reforça a sanita na minha garganta. Behördentheater em Berlim - Bert Brecht voltar-se-ia na sua sepultura!

A peça é conduzida ad absurdum

A história do Sam está no seu cerne uma história de libertação. Os cavaleiros de parágrafo dificultam a vida do Sr. Taschenbier com ameaças (que não atrairiam a ligação às actuais autoridades arbitrárias), que - até que o Sam entre na sua vida - faz sempre o kipper. Toda a sua vida não aprendeu a rebelar-se, a defender-se, a abrir a sua boca. O seu patrão, o Sr. Oberstein, persegue-o onde quer que possa e a sua senhoria também faz da sua vida um inferno. Encurralado numa roda de hamster - o Sams é uma história moderna sobre a dificuldade de escapar ao sistema. Mais doloroso ainda é o que se apresenta aqui: vêem-se coristas a ofegar por ar, que rapidamente puxam as máscaras para baixo quando se torna demasiado extenuante durante a coreografia, vêem-se vendedores a entoar os slogans do capitalismo por detrás das máscaras

"Connosco o cliente é rei" - isto parece-me assustador distópico mesmo para mim como adulto, para uma criança de quatro anos na audiência isto é bastante difícil, mesmo que ele possivelmente só sinta o meta-nível e não pense junto

Para o director, não parece ser contraditório fazer uma peça sobre a libertação do fardo do mundo capitalista do trabalho e do consumo, e ao mesmo tempo estabelecer o grande símbolo da opressão do nosso tempo, a máscara facial, na indústria cultural, ao lado e por decreto de uma autoridade. As condições chinesas? Esta é provavelmente a questão central: é permitido culpar o realizador ou a direcção do teatro se as regras das autoridades forem implementadas em palco? Sim, é mesmo necessário fazê-lo, porque onde vamos parar se a política interfere na arte de tal forma que a liberdade artística é cerceada? Quando só pode haver "certo" e "errado" e as autoridades decidem qual é qual? O autor destas linhas está ciente de que as máscaras não são um instrumento de opressão para todos, uma vez que muitos cidadãos gostam de colocar as máscaras e possivelmente até caem presas de RP para fazer algo de bom para os outros com elas.

No entanto, deve ser salientado: o comportamento autoritário do Estado é, pela sua própria natureza, antidemocrático. Se houvesse teatros neste país que fossem autorizados a actuar sem máscaras - este texto nunca teria sido escrito.

A actriz principal liberta-se no final

Pouco depois do intervalo, o meu destaque pessoal da noite: a banda liberta-se, lutando pelo ar, depois de sair do eléctrico, exageradamente claramente dos germ-slingers, um pequeno detalhe agradável. Mas não fica por aí: a actriz principal consegue criar uma verdadeira surpresa quando, de acordo com a cena em que coloca o director opressor Oberstein no seu lugar, ela prontamente apenas assobia à máscara. Erro? De propósito? Ou a exuberância de sentimentos heróicos que a fazem esquecer brevemente as "regras de segurança"? Seja como for - a actriz aproxima-se muito do seu colega neste momento - sem uma máscara. É um momento especial - uma celebração para cada pessoa de teatro que ama a liberdade.

No final, há um bom aplauso para os bons empregados. A revolução é - mesmo que seja apenas ficção - diferente. Há flores para a equipa e - oh maravilha - de repente fica-se perto um do outro, completamente sem máscaras. Durante os aplausos finais, a mesma actriz que já foi mencionada dá o impulso para tomar os colegas pelas mãos. Tal como costumava ser - algumas pessoas lembram-se - "normal". Tenho lágrimas nos meus olhos. A mulher é fiel a si mesma, todos os que estão interessados em tais coisas podem sentir e ver isso. A única questão é se se vai tolerar tais "tendências perigosas" nesta empresa. Ela não seria a primeira a ser silenciada ou demitida nesta crise devido a pressões políticas.

+++

Este post apareceu pela primeira vez em 04 de Outubro no blogue [Zeitenwechsel](#)

+++

Obrigado ao autor pelo direito de publicar o artigo.

+++

Fonte da imagem: [*Gevorg Simonyan*](#)/ shutterstock

+++

KenFM esforça-se por um amplo espectro de opiniões. Os artigos de opinião e as contribuições dos convidados não têm de reflectir a opinião do pessoal editorial.

+++

Gosta do nosso programa? Informação sobre outras possibilidades de apoio aqui:

<https://kenfm.de/support/kenfm-unterstuetzen/>

+++

Agora também nos pode apoiar com as Bitcoins.



BitCoin endereço: 18FpEnH1Dh83GXXGpRNqSoW5TL1z1PZgZK